



## CARTA

Ao Illm. Sr. Antonio Bezerra em resposta à de S.S. a mim endereçada  
pela Revista da Academia Cearense

---

Receba V. S., com as minhas cordiaes saudações, as minhas desculpas e os meus agradecimentos bem sinceros; desculpas, por acudir já tão tarde com esta resposta, quando era do meu dever dal-a tão de prompto, como V. S. me merece, ainda que em meu favor milite a razão da demora com que me chegou ás mãos o Tomo VII desta Revista; agradecimentos, por me proporcionar ensejo de reparar uma falta.

Na verdade, attribui a V. S. o que a Baptista Caetano verifico que pertence. Mas, accetando de bom grado a rectificação exigida, devo suppor que V. S. não repelle os conceitos do trecho incriminado, antes os perfilha e com elles se acoberta na campanha, que move contra os estudos etymologicos referentes á lingua indigena.

De facto, como bem diz o notavel indianista, etymologistas ha que decompõem a palavra a seu geito, inventam radicaes e as collocam como bem lhes parece sem se importarem se esse arranjo era o seguido na lingua indigena. Mas distingamos bem.

Baptista Caetano verbera aqui um vicio, não condemna as investigações conducentes á interpretação dos nomes de procedencia indigena, não se previne contra

os estudos etymologicos como o faz V. S., a julgar pelos seus escriptos.

Diz V. S. que, á vista da leitura do meu artigo sobre *a evolução historica do vocabulario geographico no Brasil*, ainda ficou mais descrente dos resultados das interpretações etymologicas, porque sempre suppoz que os nomes indigenas dados aos diversos logares do Ceará pelos primeiros portuguezes deviam ser mais correctos do que os actuaes, entretanto que daquelle meu artigo se conclue que elles estavam todos viciados.

V. S. concluiu demais, e nem pode ser axiomática a proposição, que avançou.

A maxima correcção não está no mais antigo, ou melhor, na graphia dos vocabulos indigenas como elles apparecem nos documentos de data mais remota. A presumpção maior é que assim seja, mas não em absoluto e sem que o ratifique um exame critico criterioso e competente.

Erros de escripta e de dicção se commettiam naquelles tempos como hoje. Certo o vocabulo primitivo, encontrado em velhos documentos, mais probabilidades tem de estar correcto ou mais conforme com o falar do gentio, por contemporaneo, do que os nomes actuaes que já têm evoluido; mas tambem pode acontecer que o vocabulo alludido tenha sido graphado com erro ou que tenha sido mal pronunciado por quem o deu a escrever.

Hoje como hontem as causas de erro são as mesmas. Pois não está ahi o nome *Ceará* tão diversamente escripto desde os primeiros tempos nos mais velhos documentos? Não está ahi o nome *Ibiapaba*, desde os primeiros annos da conquista, em documentos de 1609 e 1614, escripto *Ibigapaba* pelo Padre Fernão Guerreiro, *Buapava* por Diogo de Campos Moreno na sua *Jornada do Maranhão*, *Goapava* por Simão Estacio da Silveira, e *Ibyopaha* (correcto) pelo Padre José de Moraes na sua *Historia da Companhia de Jesus na vice-Provincia do Maranhão e Pará*?

Não são da mais remota procedencia os nomes *Pernambuco* entre Portuguezes, *Fernambouc* entre Francezes? E' que a corrupção dos nomes em labios estrangeiros cedo começou, e isto bem claro nos ensina que se deve ler os velhos documentos com os olhos da critica, a qual para estar bem aparelhada deve vir acompanhada do perfeito conhecimento da lingua a que pertencem os nomes submettidos ao seu exame.

Tomemos dos velhos roteiros um exemplo.

Na costa de Pernambuco, cerca de quatro leguas ao sul de Olinda ha um cabo ou ponta de terra que entre os gentios se denominou *Paracaurim* que quer dizer — *papagaiosinhos*, nome que, no roteiro de Pero Lopes, de 1530, já se encontra alterado e escripto — *Percaauri*. Pois bem, a corrupção do vocabulo, a despeito da lingua geral ser inda muito commum na capitania de Duarte Coelho, foi tão rapida que, já em 1587, quando Gabriel Soares escreveu o seu Roteiro Geral do Brasil, se dizia — *Pero Cavarim*. Em cerca de meio seculo, tinha-se transformado o nome selvagem no de um supposto cavalleiro portuguez.

Como se vê, é em documentos dos mais antigos que se encontram taes cousas. A graphia do nome indigena, nem por se achar em papeis contemporaneos da conquista, offerece garantia da certeza absoluta. Não basta á graphia do vocabulo indigena o prestigio dos annos. Faz-se-lhe indispensavel o auxilio da critica competente para se tirar a limpo a sua exactidão.

Ora, o nome *Jaguarnambi* por V. S. citado como o de que se serviu o Padre Domingos Ferreira Chaves para requerer terras entre os rios Choró e Pirangy, nem por ter a seu favor a autoridade do dito padre que foi por muitos annos capitão de ordenanças nas guerras contra os Tapuyas, é dos mais correctos do ponto de vista tupi, pois já experimentou alteração consoante ao falar portuguez. De facto *Jaguarnambi* já é corrupção a modo portuguez das palavras indigenas — *Jaguaranambi* que significam — *orelha d'onça*, como se denuncia pela

incidencia das consoantes **rn**, incidencia que não é da indole do tupi. Nesta lingua, a composição com aquelles dous vocabulos dá sempre logar á queda da syllaba final do primeiro delles, resultando dizer-se—*Jaguanambi*, como correctamente se diz—*Jaguamimbaba*, *Jaguarpeba* em vez de *Jaguarmimbaba*, *Jaguarpeba* visto que a reunião de consoantes como **rm**, **rt**, **rp** e outras se evita nessa lingua.

Mais conforme com esta regra está o nome *Agua-nambi*, derivado de *Aguára-nambi* que quer dizer *orelha de cão*, com melhor fundamente etymologico do que de *Jaguara-nambi* visto *Aguára* designar entre os Tupis o *cachorro do matto* (*Canis Azarce*). Verdade é que a corrupção que foi até ponto de transformar *Agua-nambi* em *Egua-nambi*, pela simples troca da vogal inicial, tambem podia derivar-o de *Jaguanambi* pela simples queda da consoante primeira.

A corrupção das palavras obedece a processos logicos que em sciencia não é licito desconhecer. O vocabulo evolue segundo leis determinadas, podendo-se até prever que formas elle assumirá successivamente no correr dos annos. E' um processo de differenciação que se pode levar até o ultimo extremo, partindo-se de dados positivos, certos.

Com a interpretação dos nomes alterados pela lenta evolução já não succede o mesmo. O vocabulo corrupto a interpretar chega muitas vezes a assumir as proporções de um enigma. pois que, e não é raro, radicacs bem distinctos depois de evoluirem, se reduzem a uma ou mesma forma, e tambem succede que um mesmo radical é susceptivel de differentes traducções, ou tem diversos significados por synonymia ou homographia.

Haja vista, por exemplo, o nome *Ara*, que entra como radical em tão grande numero de denominações indigenas. Servindo como radical, *ara* pode ter o accento tonico deslocado, e como tal é susceptivel das traducções que têm os nomes *ára* e *ará*; pode significar dia, tempo, claridade,

ocasião, época, idade; espigado, dar espiga; como pode significar o papagaio, pois é o nome generico dos Psittacus; como pode ser também um adjectivo com a significação de doente, enfermo, caído, prostrado.

Ora, o nome indígena que trouxe o radical *ara* não pode ser de tão fácil interpretação se, como geralmente acontece, se ignora a sua genese historica. Os nomes de localidades muito frequentemente se originam de circumstancias minimas, insignificantes. Nos tempos primitivos das conquistas, taes nomes ou se adoptavam por tradição do gentio, ou appareciam occasionalmente por qualquer incidente ou episodio de viagem dos primeiros exploradores, os quaes, em grande numero, falavam a lingua geral, ou o tupi.

As denominações dos logares, rios, montanhas, appareciam assim pela primeira vez nos roteiros e nas narrativas dos viajantes sem nota explicativa alguma, sem a menor referencia á sua razão de ser.

Divulgadas taes denominações, entregues ao falar corrente e evoluindo com elle, não é difficil de explicar porque muitas dessas denominações são verdadeiros enigmas para as interpretações, maxime, quando a estas fallece o conhecimento da lingua selvagem, ou essa luz da critica sensata e criteriosa que o genero reclama.

O nome *Aracaty*, citado por V. S., como um exemplo, pelas interpretações tão varias que os escriptores lhe tem dado, é de facto um problema indeterminado, susceptivel de diversas soluções, á vista do seu radical *ara* e do nenbum conhecimento da historia do vocabulo. Innumeras são as hypotheses para explical-o.

Para os que dão ao radical *ara* traducção de tempo, dia, ocasião, hora, o nome *Aracaty* é uma alteração de *ara-catú* que significa *tempo bom, bons ares, bonança*, alludindo talvez a um vento favoravel com o qual se remontava a corrente fluvial até o logar da villa.

Para os que dão ao radical *ara*, aliás *ará*, o significado de *papagaio arara*, o nome *Aracaty* é uma cor-

rupção de *ará-cãtim* que se traduz *bico de papagaio*, em allusão talvez a uma pedra branca, comprida para cima, provavelmente recurva, com a forma do bico dessa ave que se divisava no meio do rio Jaguaribe, na Passagem das Pedras, onde foi o primeiro assento da povoação.

Mas, uma vez neste terreno das hypotheses, as versões se multiplicam.

Porque não admittir tambem, como opinam outros, que *Aracaty* é uma corrupção de *maracatim*, nome de uns barcos costeiros que, entrando no Jaguaribe, subiam-lhe o curso até o lugar denominado *Porto dos Barcos do Rio Jaguaribe*, que foi o nome primitivo da povoação?

Porque não admittir ainda a hypothese de ser o nome *Aracaty* procedente de *aracã-ty* significando: *agua dos papagaios* ou *ribeira das araras*, uma vez que no tupi se encontra o vocabulo *araracã* ou *aracã* designando certa carta de papagaios ou araras?

E porque as palavras tupis — *aracã-ati*, que se traduzem: *lugar frequentado dos papagaios*, não podem tambem, por uma simples contracção de vogaes, dar origem ao nome *Aracaty*?

Admissiveis são, de certo, todas estas versões ou hypotheses, desde que para a elucidação inteira do facto não ha o testemunho historico, positivo.

Nos estudos philologicos, nas investigações deste genero em qualquer lingua, não são poucos os casos como este, mas, nem por isso, se taxaria de suspeição ou de menos digna de credito a sciencia que visa restaurar vocabulos que a lenta evolução deformou, interpretar ou traduzir expressões, remontando ás origens dellas, e executando em linguistica, em bem da verdade, o que em historia se faz com os velhos monumentos e com as ruinas soterradas, isto é, a archeologia da lingua.

Por mais deturpados que andem os vocabulos de uma lingua, a sciencia tem como restaural-os se essa lingua possue monumentos como é o caso das linguas americanas do ramo tupi.

Ainda que, pelo contacto com os tapuyas, portuguezes, hespanhóes e africanos, muito se corrompera o tupi entre os neo-christãos que o falaram nas aldeas e missões e entre os conquistadores do paiz não perdeu comtudo para o investigador os elementos precisos e verdadeiros com que se restare.

Se muitos trabalhos referentes a essa lingua só se publicaram depois do meiado do seculo XIX, não se segue que não fossem conhecidos dos estudiosos e especialistas os trabalhos de Anchieta, Luiz Figueira, Paulo Restivo, Montoya que datam dos primeiros seculos da conquista e servem de fundamento ao estudo dessa lingua.

Muito se barbarizou o latim nas colonias e provincias do vasto imperio romano e ao contacto com os barbaros do norte. Hoje, nem mesmo se sabe ao certo qual a pronuncia verdadeira da lingua de Cicero. Mas, apesar disso, o latim, pelos seus monumentos litterarios não sobrevive puro e incorruptivel, como uma fonte onde vão beber a lympha pura da origem os varios idiomas que delle se derivaram?

O tupi, sobre ser uma lingua falada ainda no valle do Paraguay, possui monumentos que tambem o hão de salvar do total aniquilamento.

Porque não succederá com o tupi o mesmo que hoje se dá com o latim, com o grego e com outras linguas mortas? Porventura, a despeito das impuresas do contacto do tupi com outras linguas não terá o investigador os meios seguros de remontar á origem e alcançar a verdade sobre a graphia e traducção de tantos nomes de logares que a lingua dos primitivos incolas desta terra nos legou?

A impericia com que alguns interpretadores se apresentam decompondo palavras a seu geito, inventando radicacs e os collocando como bem lhes parece sem se importarem se esse arranjo era o seguido na lingua indigena, não pode e não deve, em boa razão, ser levada á conta destes estudos como se destes mesmos procedesse, por não terem bases, como se a lingua indigena não ti-

vesse seus monumentos e a corrupção della, pelo contacto com outros idiomas, a houvesse deturpado de modo irremediavel. Não, ao imperito a sua impericia e nada mais.

Ven Martius, o Visconde de Porto Seguro. E. Liais, Barbosa Rodrigues, ainda que muito competentes, podem ter errado em algumas das suas traducções de nomes indigenas de localidades brasileiras, que essa é a contingencia de quantos a taes estudos se dedicam, estudos que a não poucos seduzem, mas que a mui raros gratificam. A materia é, na verdade, difficil; exige alem do conhecimento da lingua e da indispensavel erudição, um esforço aturado no investigar, uma visão clara das cousas, uma naturalidade de concepção que se case bem com uma phantasia sobria na formação das hypotheses plausiveis, um conhecimento do theatro dos acontecimentos.

Mas tambem, ao lado de tudo isso, é preciso certa felicidade no investigar, esse *quid* de inspiração ou de genio que se bem não se explica, nem por isso deixa de existir... a vocação ou cousa que o valha.

Como Cuvier e Champolion não faltaram, decerto, entre os seus contemporaneos, homens de sciencia tão bem aparelhados e tão eruditos como elles; tinham, porem, a felicidade e o genio dos creadores da Anatomia Comparada da Paleontologia e da Egyptologia?

Terei abusado da longanimidade de V. S. levando tão longe a minha resposta, mas perdôe-me V. S. porque se a tanto me abalancei foi contando com a sua gentileza e com o interesse que dedica ás cousas patrias.

Com toda a consideração e estima sou de V. S.<sup>a</sup>

admirador e criado obg.<sup>mo</sup>

*Theodoro Sampaio.*

S. Paulo, 1 de Junho de 1903,